REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

10.º ANNO — VOLUME X — N.º 295

1 DE MARÇO 1887

REDACÇAO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇAO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Mais um carnaval passou á historia, mas d'esta vez o carnaval fallecido passou deixando successão, dando que fallar de si, assignalando-se nos usos carnavalescos de Lisboa, por uma innovação civilisadora e de bom agouro.

Somos ainda do tempo — apesar de não termos mais do que trez duzias de carnavaes no nosso passado — em que Lisboa brincava o entrudo despejando o barril do lixo da janella abaixo, atirando aos transeuntes todos os cacos que se quebravam em casa durante o anno, e que eram arrecadados cuidadosamente, de carnaval a carnaval, como valiosas preciosidades, do tempo em que as laranjas de greda quebravam dezenas de cabeças, em que os ovos de gemma escorriam *omelettes* pelas frontarias dos predios da baixa, e em que atravessar o Chiado nos tres dias gordos era uma façanha tão heroica, como atravessar um campo de batalha no mais renhido da peléja.

E então os nossos maiores, os velhos d'esse tempo, diziam-nos, que estava tudo já muito mudado, que o carnaval ia perdendo a sua feição divertida, e contavam as brincadeiras que estavam já cahidas em desuso, e ennumeravam as victimas e os estropiados que os carnavaes da sua mocidade tinham feito: a sr.ª A. que ficara cega, o sr. B. que morrera d'um resfriamento que sobreviera a um banho de entrudo, o sr. C. a quem tinham quebrado tres dedos entalando-lhe a mão n'uma porta, o sr. D. que estivera 60 dias de cama com uma perna partida, o sr. E. que deslocara um braço, o sr. F. que ficara com uma costella amolegada, e a ennumeração dos desastres do carnaval, gastava todas as lettras do alphabeto e recommeçava outra vez, e outra, e outra...

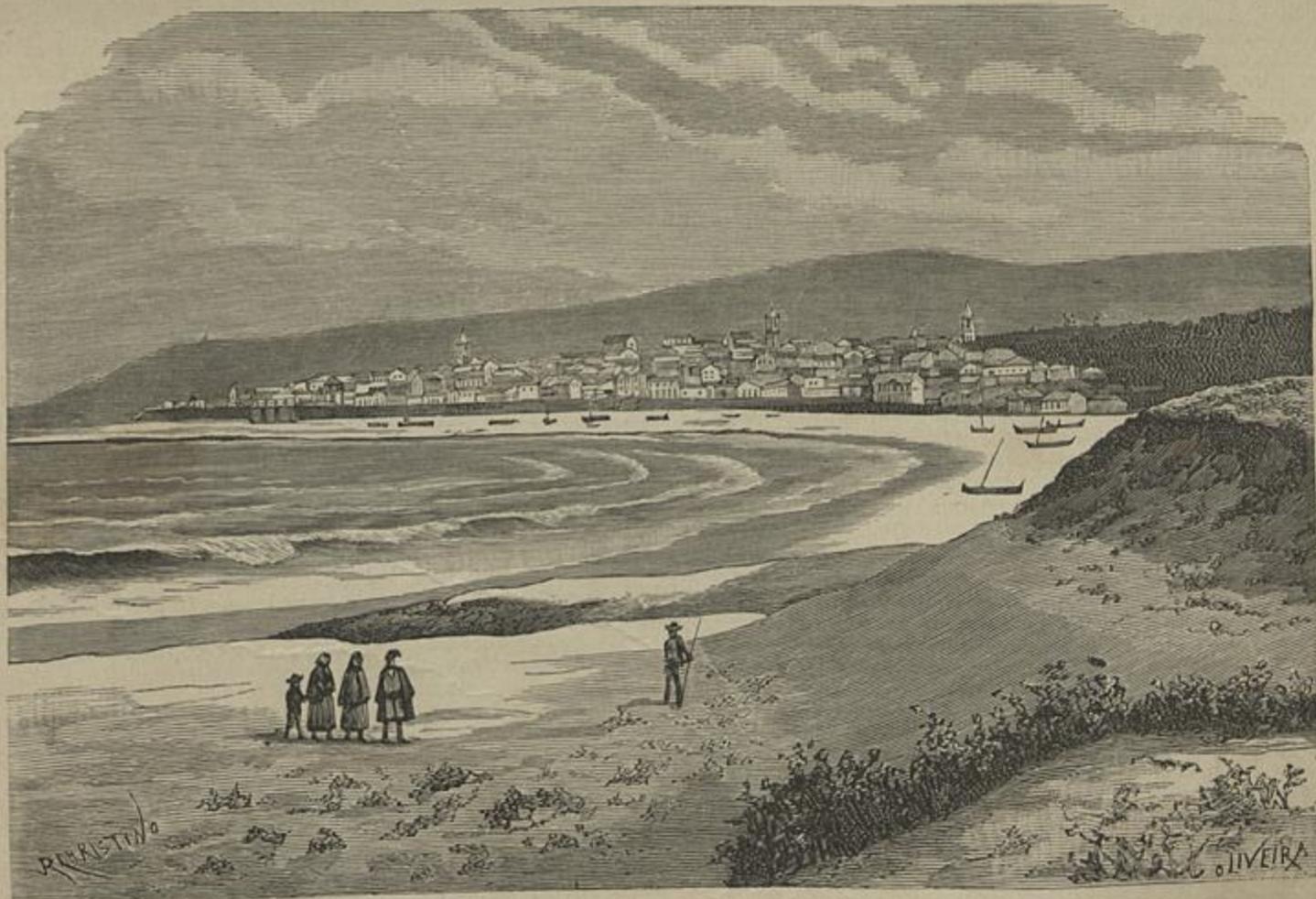
No nosso tempo já não havia tantos desastres como isso, mas ainda assim havia o seu olho vasado, a sua cabeça partida, a sua constipação apanhada.

A bisnaga, que para a brincadeira de entrudo, representa o mesmo que a homœopathia representa na pharmacopeia — as dozes minimas, não tinham apparecido ainda, e então em vez d'esguichos d'agua de cheiro, as meninas atiravam das janellas, sobre quem passava, panellas cheias d'agua, que muitas vezes tinha cheiro, e que ensopava litteralmente, como verdadeiros douches, os desgraçados, que atravessavam as ruas.

A laranja de greda, ia já desapparecendo, mas o ovo de gemma triumphava então, e um ovo atirado com vontade, póde voltar muito bem um sujeito para o outro mundo.

O ovo de pós, tinha ja pouca procura entre a gente de tom: era muito barato e sujava pouco, e a Lisboa elegante percorria as ruas em carruagens, nos tres dias de entrudo, atirando para as janellas ovos de gemma, e d'ellas recebendo ovos de gemma tambem, e depois de uma hora d'estes tiroteios, as carruagens apresentavam o aspecto de travessas de leite creme, e as paredes dos predios escorriam todas amarellas, como se fossem pintadas a oca.

Laranjas de greda não temos nenhumas no nosso passado, mas ovos de gemma temos alguns na nossa consciencia.

N'um entrudo andámos nós, e mais dois rapazes, que hoje são dois circunspectos homens politicos, que trabalham actualmente na *coisa publica*, o Luciano Cordeiro e o Rodrigo Pequito, correndo todas as ruas de Lisboa e semeando ovos de gemma pelas casas particulares.

BUARCOS (Segundo uma photographia de Avellar)

Entretanto não nos pesa na consciencia nenhuma morte, a não ser a d'um espelho de sala, d'uma casa da travessa de Santo Amaro, que um ovo que parecia mais d'uma rocha, que d'uma gallinha, fez em mil bocadinhos.

Depois o entrudo foi-se modificando; a bisnaga matou a tigella da casa, o cartucho de pós acabou com o ovo, e das antigas tradicções carnavalescas só ficou o infantil tremoço, e a pesada luva cheia de areia — a guerra ao chapeu alto, que parece ter sido inventada por algum chapelleiro, e que ainda hoje constitue a especialidade imbecil d'alguns semsaborões que passam o entrudo, acocorados á janella, á espreita do chapeu que passa, com a terrivel luva amarrada a um cordel — um divertimento muito mais estupido, que pescar á canna e muito menos proveitoso.

E durante muitos annos as brincadeiras carnavalescas estiveram estacionarias entre nós.

Não tinham já a brutalidade antiga, mas eram de uma semsaboria collossal.

Nos tres dias de entrudo, a população elegante de Lisboa mettia-se no Chiado, e ahi uma massa compacta de gente esperava as mascaras que nunca vinham, e esguichava-se com bisnagas — que, de agua de cheiro, passaram rapidamente a ser de agua de mau cheiro —, dava gebadas, ao passo que as senhoras, empoleiradas nas janellas, atiravam para baixo tremoços e cartuchos de pós de gomma.

E a esta semsaboria mansa se reduziu o entrudo de Lisboa por muitos annos até segunda feira Gorda do carnaval de 1887.

Pelo habito indigena de muitos annos, pelo culto do ram-rão que tem entre nós tantos fieis, Lisboa esquecera-se de que tinha esse bello *boulevard* moderno — a Avenida — para se encaixar no ingreme saguão antigo, que se chama Chiado.

E ao passo que n'essa estreita viella, que por muito tempo foi a rua elegante da cidade, não cabia um alfinete, na ampla Avenida da Liberdade, n'essa grande e formosa Avenida que dá a Lisboa o tom elegante de uma grande cidade, não andava ninguem.

Estivemos lá na segunda feira, na esperança de que a Lisboa que se diverte tivesse feito d'alli o seu *corso de carnaval*, e nem viv'alma.

Finalmente, na terça feira Gorda, no ultimo dia do carnaval, Lisboa teve um momento de boa inspiração, um momento de bom senso: fugiu do Chiado e encheu a Avenida.

Foi tarde, mas em summa vale mais tarde do que nunca.

E esse momento foi o bastante para que o carnaval lisboeta se transformasse completamente, tomasse um aspecto novo, brilhante e moderno.

O tremoço e a bisnaga foram substituidos pelas flores, e a Avenida, na terça feira Gorda, das 3 ás 5 horas da tarde, deu a Lisboa a miragem de um carnaval a valer, de um carnaval civilisado e elegante, de um carnaval proprio de uma grande cidade, fez-nos antever por momentos os carnavaes luxuosos e tão falados de Nice e de Cannes.

E como o que é bom sabe logo bem, essa experiencia de duas horas de batalha de flores e de *corso* carnavalesco á moderna, foi o bastante para dar cabo de uma vez para sempre do carnaval antigo, do idiota entrudo do Chiado, e nunca mais a Lisboa de bom tom, a Lisboa que dá leis da moda, volverá a encafuar-se na rua Garrett, nos dias de entrudo, e a Avenida ficará sendo nos entrudos futuros o nosso Passeio dos Inglezes, o nosso grande *corso* de carnaval.

E tanto isto é assim, tanto as elegantes de Lisboa tomaram já o gosto a esses divertimentos, que ha tanto tempo são a gloria e *great attraction* de Nice, que se fala já com muita insistencia n'uma nova batalha de flores, na Avenida, na quarta feira de meia quaresma, e naturalmente repetir-se-ha a mesma festa no sabbado de Alleluia e no domingo de Paschoa, e não nos admiraremos mesmo nada se essas luctas carnavalescas continuarem pelo anno fora, porque a exaggeração peninsular que nós, lisboetas, temos para tudo, é capaz de estender o carnaval por todo o anno, se o carnaval assim á moderna lhe der bem no gôto.

E oxalá que o brilhante resultado da primeira experiencia da batalha das flores, improvisada de um dia para o outro, arranjada com os poucos elementos de que se poude lançar mão, á ultima hora, sirva de estimulo, faça nascer a idea de se organisar com tempo uma grande commissão, que dirija as festas do carnaval, que formule programmas, que grangeie premios para as melhores mascaras, para as mascaradas mais notaveis, premios de honra para as carruagens mais elegantes que se apresentarem na batalha das flores, que transforme finalmente esse velho e imbecil entrudo, que todos os annos envergonha Lisboa, n'um carnaval luxuoso, festivo, elegante, ruidoso, que não só divirta aquelles que n'elle tomam parte, mas que ao mesmo tempo seja um novo elemento de vida para a nossa cidade, que attraia aqui concorrencia de todas as provincias e do estrangeiro, que rivalise com o celebre carnaval de Nice, que transforme esses trez dias, que até agora se distinguiam de todos os outros pela sua semsaboria notavel, em trez dias de notavel e brilhante festa.

A nossa formosa cidade presta-se perfeitamente a isso: a Avenida será um bellissimo *corso* de carnaval, e o effeito é facil de calcular, a julgar pelo da primeira tentativa de terça feira Gorda, que se reduziu a cinco ou seis carruagens enfeitadas de flores, a um combate de *bouquets*, sem haver lojas que os fornecessem, n'um pequeno troço da Avenida, completamente nua das ornamentações vistosas, que lá fora se fazem nos *corsos* carnavalescos.

E faça-se isto, que se terá feito uma boa obra; uma obra de tão grande alcance para a vida de Lisboa, que tem todo o direito a ser auxiliada pelo municipio, pelo commercio, pela industria, que tanto teem a lucrar com essa transformação operada no carnaval de Lisboa.

E ha muito que fazer, tanto mais que para a nossa terra tudo é novo n'este genero de festas: não é necessaria muita imaginação, por emquanto, basta copiar e apropriar o que ha lá por fora, o *corso* de mascaras, a batalha das flores, o combate dos confeitos, os *corsos* nocturnos, o *corso branco* — a ultima invenção de Nice que tão grande successo teve, os bailes historicos, que são tão interessantes sob todos os pontos de vista, as mascaradas fluviaes, para que se presta tão bem o nosso delicioso rio, em summa uma immensidade de coisas, que são de um effeito magico, que darão um aspecto inteiramente novo á nossa pacata cidade e que são facilimas de organisar com tempo, com bom gosto e boa vontade.

A festa de terça feira na Avenida, esse combate de flores em que tomaram parte brilhante sua magestade a rainha, sua alteza a princeza D. Amelia, as sr.as duqueza de Palmella, condessa de Burnay, marqueza do Fayal, condessa de Ficalho, e sua alteza o principe real, e os srs. duque de Palmella, visconde de Taveiro, Alfredo Anjos, Ribeiro da Cunha, e muitas das mais elegantes damas da nossa primeira sociedade, dos rapazes mais em saliencia na *jeunesse dorée*, foi a inauguração da epoca brilhante que espera o carnaval lisboeta, e por isso nós começámos dizendo que o carnaval de 1887 passara, mas passara dando que falar de si e deixando successão.

Que assim seja!

Gervasio Lobato.

BUARCOS

São apenas decorridos 26 annos, depois que a cidade da Figueira, que então era villa, começou a expandir-se para fóra do acanhado espaço, em que até então tinha estado apertada, estendendo-se para E e S d'elle, e tomando proporções em harmonia com a população flutuante, sempre crescente, que na epoca balnearia a procurava.

N'esse tempo, quem precorresse o espaço em que hoje assenta o elegante bairro novo, encontraria alguns tractos de terra com uma cultura insignificante, ou totalmente sem ella, sem edificações de especie alguma, e quem alongasse a vista pela Bahia, que se desenrola para alem do Forte de Santa Catharina, e em cujo extremo está assente a formosa povoação de Buarcos, que a nossa gravura representa, em vez da linha de alvejantes casas, que se estendem á beira-mar, ligando por assim dizer a Figueira com Buarcos, e fazendo parecer esta a continuação d'aquella, veria apenas um extenso areial, e n'este algumas pobres casas de madeira, residencia dos pescadores. Esse renque de casas, que, como dissémos, parece estabelecer a solução de continuidade, entre as duas povoações, são como que os braços que ambas ellas se estendem; porque em face do desenvolvimento material da sua irrequieta visinha, a velha povoação de Buarcos, cujos filhos gosam da bem merecida fama de arrojados marinheiros, não tem ficado impassivel. Com passo vagaroso (que para mais não é a sua indole) tem-a acompanhado no sentido do alargamento da sua area, procurando ir ao seu encontro, e ainda imitando-a na substituição de bastantes das antigas construcções, por outras mais elegantes e commodas.

Da explanada do velho forte de Santa Catharina, edificado sobre rochedos, no vertice do angulo formado pela margem direita do Mondego e pelo Oceano, disfructa-se um bello panorama do qual Buarcos fórma uma das principaes partes. A villa assente n'uma planice que se estende para o interior, até á origem da serra, que d'ella toma o nome, e em cujo extremo O se divisa como sentinella perdida o Farol do Cabo Mondego, apresenta vista d'alli, um aspecto formozissimo.

Durante a epoca balnearia, Buarcos é habitada por muitos banhistas. Os seus banhos mais fracos que os da Figueira, são recommendados pelos medicos, contra a terrivel doença do reumathismo.

A commodidade e modicidade de preço, com que nos carros denominados americanos, se effectua o trajecto entre Buarcos e a Figueira, a pequena distancia entre as duas, que faz com que se possam obter com extrema facilidade, todos os objectos necessarios á vida, de que a Figueira está abundantemente provida, junto a maior liberdade que em relação á Figueira alli se goza, tudo concorre para que a praia de Buarcos, vá sendo bastante frequentada.

O passeio ao Cabo Mondego, proporciona ensejo a que se goze o imponente espectaculo, do furioso bater das ondas contra as grandes rochas que circundam o Cabo, e avançam para o mar, como que a desafial o.

É de uma magestade indiscriptivel, aquelle espectaculo, quando o mar está bravo.

A maior parte dos habitantes de Buarcos, são pescadores e por isso a terra apresenta a feição caracteristica das povoações, em que se dá aquella circumstancia. Quando algum dia porém, o porto artificial de Buarcos, deixar de ser uma aspiração, para se converter em realidade, veremos a povoação perder a feição actual, e transformar-se n'um importante porto commercial.

A pequena distancia de Buarcos, e para além do Monte, que lhe fica sobranceiro, está a Ermida da Senhora da Encarnação; de differentes pontos da estrada que conduz alli, disfructam-se lindas prespectivas de campo. A meio caminho existe uma piramide de 12 metros de altura servindo de ponto de triangulação geodesica. A parte superior d'ella, sobe-se por uma escada de pedra, ingreme e estreita, sendo porém bem compensado o incommodo de effectuar tal assensão, pela agradavel vista, que d'alli se disfructa. É tal piramide notavel por ter sido construida sobre um cunhal, resto de um castello, que se suppõe ter sido dos Mouros. Ao contra-almirante Silva, engenheiro hydrographo, se deve, o ter ella sido livrada, do camartello vandalico.

Em Buarcos entre outras pescas, faz-se a da sardinha com redes de arrastar, que são puxadas em terra; o recolher de uma d'estas redes, é uma diversão agradavel, e surprehendente, para quem pela primeira vez a presenceia.

Desde que os extremos das cordas que estão fixas á rede chegam a terra, homens mulheres e crianças, todos ajudam a puxal-as no meio de uma vozearia de insurdecer. Quando a rêde chega á terra, então o barulho é indiscriptivel, principalmente se o lanço é feliz. Todos que ajudaram a puxar a rede, e mesmo o resto dos presentes da terra, que não ajudaram, se julgam com direito, a apanhar uma parte do producto da pesca, sem attenção aos protestos instaurados dos interessados em que tal não aconteça. A luta que se trava de palavras, gritos, imprecações e ameaças, faz antever um desemlace de vias de facto, que nunca se dá, a quem pela primeira vez assiste a uma tão tumultuoza scena.

A pesca feita pelos pescadores de Buarcos é importante. São n'ella empregados 15 barcos grandes para a pesca do alto, tripulados com campanhas de 16 pessoas, 13 bateiras, na pesca do anzol, e 4 saveiros, para a pesca da sardinha, tripulados com 30 homens cada um em media. Alem da pesca effectuada com embarcações, um grande numero de pescadores de pé, d'aquella villa se dão a tal industria, não só em Buarcos, como no rio Mondego.

A actual povoção de Buarcos, formava n'outro tempo duas pequenas povoações, e ainda hoje se encontram alli dois pelourinhos, a attestal-o.

J. C. A.

As novas edificações de Caparica e Jayme Pinto

O OCCIDENTE publica no seu numero de hoje, uma gravura das ruinas do incendio de Caparica, uma outra gravura das novas edificações e um retrato de Jayme Arthur da Costa Pinto, nome

ligado de ha muito a todos os bellos melhoramentos que se teem feito, n'estes ultimos annos, do outro lado do Tejo. E pedem-me um artigo para acompanhar essas tres gravuras, artigo meio biographico, meio historico, que descreva o perfil sympathico d'esse bello rapaz e conte o apparecimento d'esses quarteirões de casas, que se erguem, todas garridas, junto á praia, ouvindo o bater compassado das ondas nas suas pedras.

Eu não sei se conhecem Caparica e não lhes levo a mal que a não conheçam. Eu tambem a não conhecia, aqui ha dois mezes. Uma manhã appareceu-me Jayme Pinto, convidando-me a ir até lá. Distribuiam-se as ultimas casas aos pescadores que ainda estavam sem moradia, depois do incendio que lhes devastára as toscas cabanas, onde viviam centenas de familias. Quem vier ainda hoje á praia, e olhar em torno d'ella para uns poucos de casebres antigos, que ainda lá existem, cobertos de fetos, e depois reparar nas novas edificações, perfeitamente modernas, muito simples e muito aceiadas, que formam duas ruas da praia, perceberão facilmente qual o contentamento d'aquella pobre gente, que vendo um dia destruidas pelas chammas as suas miseras habitações, julgando por momentos inteiramente perdidos os seus parcos haveres, se encontra poucos mezes depois, — graças á caridosa iniciativa de Jayme Pinto secundada brilhantemente por um grupo de cavalheiros presididos por El-Rei, — inquilinos de umas casinhas cuja architectura e cuja divisão iam muito além da sua espectativa, com quartos separados, elles que dormiam n'uma miscellanea pouco perfumada, e uma cosinha especial, coitados, que antigamente faziam o jantar junto á enxerga onde dormiam!

— Até temos sala, dizia-nos uma pobre velhinha, toda ufana, satisfeita do seu pequenino lar. E mostrava-me uma das divisões, com duas cadeiras e uma roca. Era alli, que ella fiava o linho, n'essas escuras noutes de inverno, á luz fraca da lendaria candeia, quando cá fóra o vento sopra rijo e os pobres pescadores descançam tristes da sua faina diurna, á espera de melhor tempo. E que vida tão curiosa, a d'essa pobre gente, alheia completamente ao resto do mundo, gente que vive annos e annos, frente a frente com o sol que doura as conchas das praias e as ondas que as lambem, ignorante mas feliz, que não conhece, é verdade as maravilhas da sciencia e o encanto das artes, mas que em compensação nunca leu um artigo politico, nem uma noticia do *Hig-life*.

Ha apenas um nome de que hoje se não esquecem, uma obra que lhes deve lembrar a todo o instante, se a ingratidão não tiver já minado aquellas consciencias sãs e boas, — o nome de Jayme Pinto e o grande serviço que elle lhes prestou.

* * *

A transformação operada no aspecto de Caparica foi completa. O incendio nada respeitára, queimára uma a uma os pobres casebres, arrasara quasi inteiramente todo o bairro.

Costa Pinto era então deputado por Almada, e como deputado que era — e ninguem melhor do que elle o sabia ser para os seus constituintes — tratou logo de arranjar soccorros para tanta miseria. Ajudado então por varios cavalheiros, cujos sentimentos caritativos todos conhecem, titulares, artistas, engenheiros, burocratas e jornalistas, entre os quaes nos lembramos do marquez de Fronteira, engenheiro Magalhães, Brito Aranha, Eduardo Coelho, Antonio Castanheira, dr. Cunha Seixas, formou-se a commissão. El-Rei accedeu a presidil-a, e foi essa commissão tendo á sua frente o monarcha, que promoveu subscripções, que angariou esmolas, que pediu donativos, e que por fim mandou edificar n'aquelle areial immenso de Caparica meia duzia de quarteirões de casas onde vivem mais de cem familias. Mas a caridade entre nós, apezar de toda a sua boa vontade é fraca, tem poucos recursos, e a obra que se propunha fazer, era das que reclamavam maior receita. Pedro Correia então, por intermedio do seu excellente jornal o *Correio da Europa* que todos os quinze dias leva aos nossos compatriotas do Brazil, a resenha dos acontecimentos mais importantes de Portugal, foi accordar lá no Imperio o coração d'elles, implorando-lhes uma esmola para os infelizes pescadores, seus irmãos, cahidos de repente por um fatal desastre, na mais horrorosa das miserias, e sempre generosos ouviram-o e mandaram então para a patria o fructo das suas subscripções. E foi esse dinheiro junto ao que dentro do paiz se apurou, que serviu para custear a despeza d'essas edificações, que a commissão destribuiu ha mezes pelas familias mais necessitadas de Caparica.

E não deixa de ser curiosa a maneira como se fez essa distribuição. Pensarão muitos, sobretudo os espiritos incredulos do bem e da generosidade, que a ideia de Costa Pinto teve maior alcance do que a simples caridade.

«Um deputado, com os demonios! dirão os scepticos, não é sujeito que dê ponto sem nó. As estradas são serviços importantes ás localidades, mas quem ha ahi que julgue que se dá assim do pé para a mão uma estrada, quanto mais um bairro inteiro!»

Pois dão-se, ou pelo menos deu-as Jayme Pinto, sem ter sequer em mira a facilidade de arranjar mais meia duzia de votos para as suas candidaturas do porvir; deu-as, porque essas dadivas alegravam-o, satisfaziam-lhe o desejo do seu animo, bom, caritativo, serviçal, que fez com que elle passasse quasi á posteridade juntamente com a Outra Banda, na sua faina ingloria mas generosa de arranjar para o circulo que representava em côrtes todos os melhoramentos, até os mais difficeis, de que elle carecia.

A forma como as casas foram distribuidas ahi está para o provar. Essa distribuição não a fez elle, não a fez tão pouco qualquer dos seus collegas da commissão, fizeram-a os arraes de Caparica, os mestres, os chefes dos pescadores, que conheciam de perto aquella gente e que formaram de combinação a lista com os nomes dos mais pobres.

E, ponto importante ainda para os scepticos, esses pobres... não são eleitores.

* * *

Jayme Pinto chegou a ter, como ligeiramente notámos acima, a monomania dos melhoramentos para Almada. Ninguem melhor do que elle defendeu até hoje no parlamento portuguez as exigencias dos seus constituintes, e, francamente, quando um homem pugna de tal forma pela terra que o elegeu como seu representante em côrtes, imagina-se e muito bem que essa terra lhe dará, como justa recompensa a tão enormes serviços, a sua representação em côrtes... pelo menos emquanto houver estradas a fazer. Puro engano! Parece que não conhecem essa caprichosa senhora que dá pelo nome de popularidade, e que Augusto Harbier descreveu já n'um assaz conhecido verso!

Mas que importa! Melhor do que as listas que poderiam cahir na urna eleitoral, ahi tem Jayme Pinto as bençãos d'esses pobres soccorridos, a recompensal-o da sua obra meritoria e digna.

E nós vimos bem quanto esses infelizes lhe querem, na alegria com que o abraçavam commovidos, n'essa rude mas sincera gratidão de camponios, que afinal são os unicos que sabem realmente ser gratos.

João Costa.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONFLICTO DE ZANZIBAR — O SULTÃO

A falta commettida pelo sultão de Zanzibar, para com o representante de Portugal, negando-se a recebel-o e a tratar com elle sobre os lemites territoriaes do seu paiz com a provincia portugueza de Moçambique na costa oriental d'Africa, levou o governador geral de Moçambique, encarregado d'aquella missão, a retirar-se depois de um *ultimatum* que não teve resposta, e a fazer arrear a bandeira portugueza do consulado portuguez, entregando á protecção do consul da Allemanha os interesses dos portuguezes alli estabelecidos.

O resultado d'este rompimento, segundo os telegrammas recebidos, foi o governador geral de Monçambique, sr. Augusto de Castilho mandar immediatamente pelos navios de guerra portuguezes, corveta *Affonso d'Albuquerque* e canhoneiras *Vonga, Bengo* e *Douro* estacionadas em Moçambique, occupar a bahia de Tungue, ponto principal das reclamações do governo portuguez.

Os navios de guerra portuguezes aprisionaram logo o vapor *Kilwa*, pertencente ao sultão e que conduzia material de guerra para a defeza de Tungue, e prepararam-se para bombardear a terra.

A causa d'este conflicto vem de longe, pois desde 1854 em que o *vali* de Tungue, nosso vassallo, de combinação com o sultão de Zanzibar, commetteu a traição de arrear a bandeira portugueza d'aquella nossa possessão, reconhecida pelo tratado celebrado com a Inglaterra em 1817, não cessaram as reclamações do governo portuguez contra esta usurpação, até que o anno passado, depois do conflicto que se deu com o consul portuguez em Zanzibar o sr. Serpa Pinto, o sultão entre as satisfações que deu a Portugal escreveu a el-rei o sr. D. Luiz uma carta concebida n'estes termos:

«A sua magestade, D. Luiz, rei de Portugal, comprimentos e saudações de Barghash Ben Seyd.

«Depois de haver terminado amigavelmente de harmonia com vossa magestade o pequeno incidente, accrescento que *quanto aos limites das nossas possessões respectivas obrigo-me a mandar dentro de seis mezes e de accordo com vossa magestade, representantes meus ao local em que deve verificar-se a delimitação exigida por vossa magestade*, e com a vontade de Deus Todo Poderoso, cada um de nós receberá a parte, que lhe fôr devida segundo os seus direitos e reclamações, *sem que outros se intromettam no nosso negocio.* Saudações. — *Barghash Ben Seyd.*

El-rei respondeu em telegramma de 16 de janeiro do corrente anno o seguinte:

«Sua Alteza Sultão Barghash Ben Seyd, Zanzibar.

«Envio presença Vossa Alteza meu Governador Geral Moçambique para de accordo carta Vossa Alteza resolver questão pendente entre nós. Fio da amisade de Vossa Alteza que acolherá bem meu enviado, e que tudo ficará resolvido satisfatoriamente; o que penhorará a minha gratidão. Deus Guarde pessoa Vossa Alteza. *El-Rei.*

Dois dias depois recebia el-rei um telegramma do sultão, em resposta, concebido n'estes termos:

«Sua magestade el-rei de Portugal, Lisboa

«*Recebi vosso telegramma. Ficamos contente.* Rogo ao Altissimo conservar amisade sempre. Desejo a vós familia real saude e prosperidade. — *Sultão.*»

Em vista d'esta cordealidade nada faria suppor o conflicto que acaba de se dar, a não ser a natural tendencia para faltar aos compromissos, tão peculiar n'aquelles povos meio selvagens; ou então qualquer idéa reservada e fomentada por influencias estrangeiras junto do sultão.

A energia do governador geral de Moçambique correspondeu o governo portuguez, enviando promptamente a corveta *Bartholomeu Dias* que sahiu a barra de Lisboa no dia 25 e preparando a partida do transporte *Africa* e da canhoneira *Tejo* com material de guerra e cerca de 400 praças. As ultimas noticias do dia 27 dão, porem, ao que parece, o conflicto terminado em consequencia do sultão pedir a paz e declarar reconher os direitos de Portugal.

Duas palavras sobre Zanzibar e o sultão, de que publicamos o retrato, visto que n'este momento chama a attenção publica, illucidarão o leitor sobre o paiz de que se trata e da sua importancia.

Zanzibar é uma ilha situada no mar das Indias, na costa de Zanguebar. Constitue um pequeno reino que tem por limite ao Norte os reinos de Melinde e ao Sul o de Quiloa.

Alem d'este dominio comprehende mais Pemba e as ilhas de Mafia, tendo uma costa de mar de proximamente 1:600 kilometros. A sua superficie quadrada regula por 50:000 kilometros com uma população de 500:000 almas.

É região fertil e salubre e de grande exportação de productos africanos, sendo Zanzibar o ponto mais importante do commercio e onde o sultão tem estabelecida a sua residencia.

Barghash Ben Seyd é o nome do sultão de Zanzibar que nasceu em 1836, filho do grande Iman de Mascate que estabeleceu a dynastia de Oman nos povos da costa oriental de Africa.

Succedeu a Said Medjid, seu irmão a quem tentara desthronar, em 10 de outubro de 1870.

Dotado de idéas mais esclarecidas que por ventura os seus antecessores, tem procurado acabar com o trafico da escravatura, nos seus dominios, assim como modificar consideravelmente a administração do seu paiz, estimando o trato dos europeus e desejando instruir-se com elles.

Em 1875 veio á Europa e visitou Lisboa onde apenas se demorou algumas horas, no dia 4 de junho, seguindo para Inglaterra, ponto principal da sua viagem.

Apesar de todos os seus desejos de engrandecer e civilisar o seu paiz, este está ainda bem longe da civilisação.

O seu exercito não chega a 1:500 homens commandados por officiaes inglezes e a sua marinha limita-se a uns tres ou quatro vapores que tem adquirido das companhias que fazem carreira para Africa Oriental, e que estas tem deixado por não estarem capazes para o serviço das suas carreiras.

Por tudo isto se vê a imprudencia com que o sultão de Zanzibar andou n'esta questão.

HELENA THEODORINI

(Concluido do n.º 293)

Helena Theodorini é hoje uma cantora em toda a plenitude dos seus recursos artisticos, uma mulher em toda a plenitude das suas graças seductoras.

E poucas artistas possuem em tão alto grau, o segredo do successo, poucas mulheres tem em tão subida escala o dom da fascinação.

Sem ser precisamente uma belleza no sentido correcto e uzual da palavra, tendo muito que se lhe dizer á formosura das suas feições confrontadas com qualquer manual de Belleza, a Theodorini attrae, encanta, deslumbra, por que tem essa coisa que vale muito mais do que todas as formosuras, e a que os francezes chamam *le charme*.

Helena Theodorini é uma fascinadora, o talento enorme da artista irradia em todas as feições da mulher, e da-lhes essa graça estranha, petulante, esse actrativo mysterioso, que a fria belleza plastica é impotente para o provocar.

Roumaica de origem, nascida na Grecia, n'essa Grecia cujas estatuas maravilhosas parecem ter servido de modelo para as suas formas esculpturaes, a Theodorini vae fazer vinte e nove annos no dia 25 de março.

Aos dez annos de edade — em 1868 — era já uma pianista notavel *un enfant prodige*, que era o orgulho do seu velho mestre Romeo Ratti.

Mas a pequena grande pianista começou então a revellar uns grandes recursos de cantora. A sua voz era deliciosa, d'um timbre formosissimo, d'uma extensão extraordinaria, e levada a educar ao Conservatorio de Milão, a Theodorini era dentro em pouco uma das mais distinctas alumnas da escola de canto, uma das mais radiantes promessas d'aquelle viveiro de cantores.

Da maneira como ella realisou essas promessas, dizem mais que todos os artigos os triumphos enormes da sua gloriosa carreira.

Sahida do Conservatorio debutou no theatro de Cuneo na *Maria de Rohan* e no *Barbeiro*, com um exito brilhante que tem augmentado dia a dia, crescendo de opera em opera, de creação em creção, a ponto de tornar a modesta debutante de *Cuneo* na gloriosa *diva* que occupa um dos primeiros logares nas mais altas regiões do mundo lyrico.

Grande artista pelo talento, a Theodorini possue uma voz maravilhosa, d'uma grande extensão, d'uma rara agilidade, que lhe permite abordar com grande succeso todos os generos, triumphar nos

JAYME ARTHUR DA COSTA PINTO,
INICIADOR DAS NOVAS EDIFICAÇÕES DE CAPARICA
(Segundo uma photographia de Fonseca & C.ª)

A COSTA DE CAPARICA, DEPOIS DO INCENDIO (Desenho do natural por Bordallo Pinheiro)

papeis mais oppostos, na Margarida do *Fausto*, e na Valentina dos *Huguenottes*, na *Ebrea* e na *Filha do Regimento*, na *Saffo* e na *Lucrecia*, na *Somnambula* e na *Gioconda*.

São rarissimas hoje no mundo theatral as cantoras que possuam tão vasto e tão complexo reportorio como a Theodorini, porque são raras as artistas que juntam aos excepcionaes dons de *virtuosidade* o poderoso talento dramatico, a altissima intuição artistica, a profunda sciencia de scena, que fazem a gloria radiante de Helena Theodorini.

Fazendo rapida carreira, destacando-se logo, desde os seus primeiros passos no theatro, da turba das vulgaridades, a Theodorini cantou na Scala de Milão, no carnaval de 1882 os *Huguenottes* e a *Herodiade* com grande successo.

Na primavera d'esse anno cantou em Barcelona a *Aida*, no outomno foi pela primeira vez escripturada para a opera de Madrid, onde no anno immediato nós a fomos encontrar triumphante e adorada por todo o publico.

N'esse primeiro anno a Theodorini debutou nos *Huguenottes* com um exito colossal, e creou a Margarida do *Mephistopheles*, que pela primeira vez se cantou em Madrid.

Arrigo Boito, o illustre maestro assistiu á primeira representação da sua opera, e applaudiu freneticamente a essa nova Margarida, que com tão grande talento, com arte tão preciosa, sabia interpetrar a sua creação, descobrir-lhe novas phases, que até então nenhuma artista fizera advinhar no papel duplo — de Margarida-Helena.

O successo da Theodorini em Madrid foi tão grande, que a illustre cantora fez tres annos a fio a estação lyrica no theatro Real.

No segundo anno 1883-1884, a Theodorini creou com um exito colossal, essa colossal *Gioconda* que ella veiu revelar a Lisboa e que é uma verdadeira creação genial.

No intervallo d'uma das epochas de Madrid, a grande artista fez uma *tournée* artistica pela America hespanhola, Buenos-Ayres e Montevideu, uma verdadeira viagem triumphal de que voltou á Europa cheia de gloria e cheia de pedras preciosas.

Na noite do seu beneficio em Montevideu, o presidente da republica offereceu-lhe um colar de brilhantes de enorme valor.

De volta á Europa, a Theodorini cantou em Madrid, Barcellona, Vienna e Bucharest, a sua terra natal, onde os seus compatriotas lhe fizeram uma recepção brilhante, levando-a em triumpho a casa, na primeira noite em que ali cantou.

Depois de todos estes ruidosos successos Helena Theodorini cantou a ultima estação em Londres, com um exito colossal, sendo proclamada nos *Huguenotes* e na *Gioconda* pela critica e pelo publico inglez a grande artista da epocha.

De Londres a Theodorini veiu para Lisboa e a historia dos seus triumphos aqui não é preciso contar por emquanto, porque se repete, porque se refaz todas as noites em que a grande artista apparece no palco de S. Carlos.

Dias depois de ter assignado a sua escriptura para Lisboa Helena Theodorini foi convidada para ir a Milão crear a Desdemona do *Otello* de Verdi. Felizmente para nós, publico de Lisboa, o emprezario Valdez adiantara-se e a isso devemos o delicado e raro prazer de ouvir em S. Carlos este anno, uma artista tão extraordinaria pelo conjuncto de excepcionaes qualidades que em si reune.

* * *

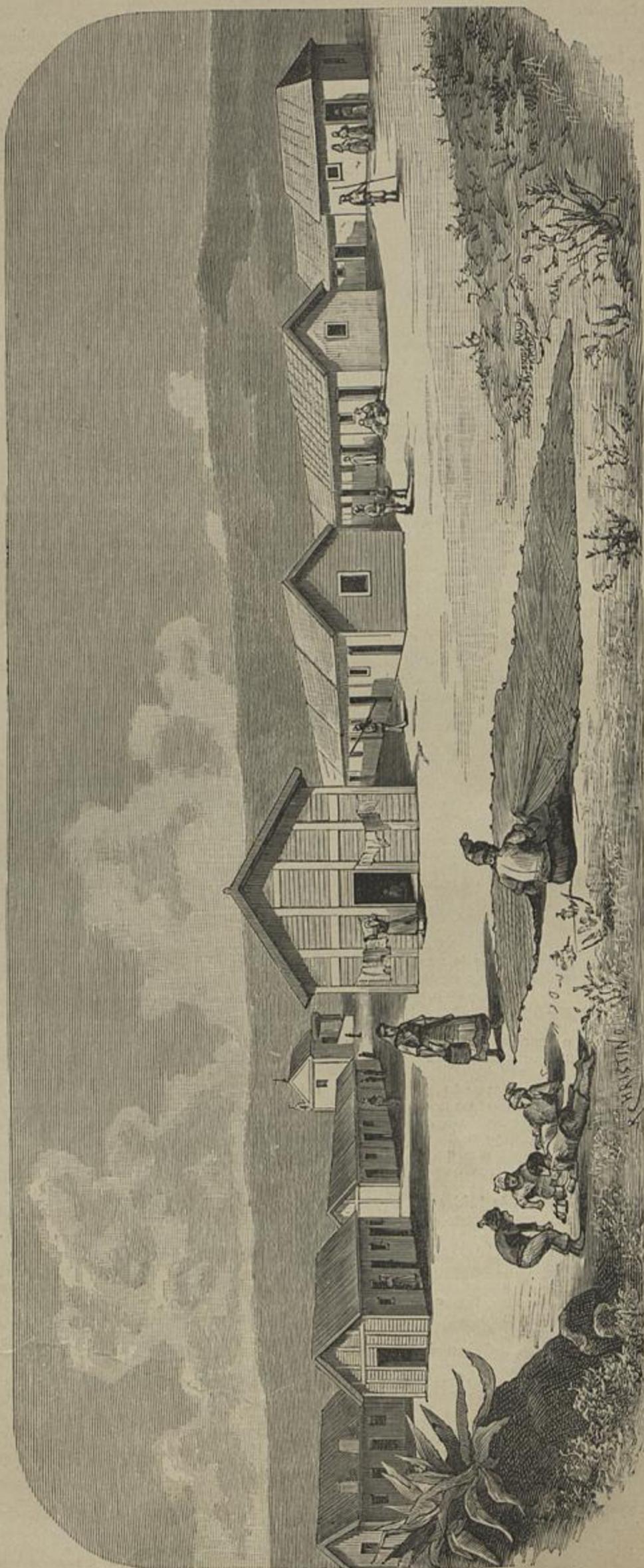
Se, como cantora e como artista, a Theodorini a toda a parte onde chega está habituada a encontrar as ovações e as apotheoses, como mulher está tambem costumada a encontrar por toda a parte as sympathias e as adorações.

Em Madrid o publico adorava-a e a alta sociedade madrilena fazia o mesmo que o publico, a começar pela rainha Maria Christina, pela rainha mãe Isabel II, por todas as infantes hespanholas.

Theodorini vivia em Madrid na intimidade de toda a familia real que tinha por ella profunda estima e no seu *boudoir* veem se os retratos de todas as princezas hespanholas acompanhadas de amaveis e intimas dedicatorias.

A rainha de Hespanha enviou na primeira noite da *Gioconda* a Theodorini um formoso punhal de lamina de Toledo, com cabo de ouro macisso, tendo d'um lado as armas reaes de Hespanha e do outro o monogramma da illustre cantora.

A irmã de D. Affonso XII, Isabel de Bourbon, offereceu-lhe um leque riquissimo com uma magnifica pintura em pergaminho, e com o seu monogramma em brilhantes.

Em Lisboa Theodorini tem encontrado o mesmo acolhimento na alta sociedade: a sua presença é

AS NOVAS EDIFICAÇÕES NA COSTA DE CAPARICA (Desenho de J. R. Christino)

desputada nas salas mais illustres, nas festas brilhantes da sr.ª duqueza de Palmella, do sr. conde de Daupias, o nome da grande cantora figura no alto da lista dos convidados mais queridos, d'aquelles que mais estimados são, cuja presença mais festejada é, e comprehende-se perfeitamente isto porque a Theodorini não é só uma grande cantora, não é só uma extraordinaria actriz, é uma mulher d'espirito, uma creatura superior, uma individualidade perfeitamente excepcional, que domina, que attrae, que subjuga, pelo talento, pela graça, pelo espirito, e que tem como já dissemos sobre todos os outros dons, o dom mysterioso da fascinação.

Gervasio Lobato.

CAPTAIN BOYTON

O *Asiatic* sahira do Cabo da Boa Esperança com mar chão e briza fraca de noroeste.

Ao segundo toque de sineta todos os visitantes saltaram em terra e o convez ficou desimpedido. Pouco depois largava da doka e descia vagarosamente o canal, aproado ao mar.

Na passagem chegavam até nós os — hurrahs! — dos marinheiros que nos saudavam, de bordo dos outros navios atracados aos caes, acenando com os lenços e movendo acima das cabeças os seus chapeus brancos.

Era o ultimo — *boa viagem*! — enviado pelos que ficavam aos que partiam. E nós todos, impressionados por uns vagos presentimentos, conservamo-nos por muito tempo á amurada, fixando o olhar na terra que fugia por bombordo.

Era ahi pôr meados de agosto. O sol, quasi a mergulhar no horisonte affastado, affogava-se n'um grupo de nuvens vermelhas que rasavam o oceano. As vagas vinham do largo, cavando-se indolentemente e mostrando os seus dorsos abaulados e lisos como grandes cylindros de chrystal, que se desfaziam sem ruido no costado do vapor. E o *Asiatic* erguia-se e afundava-se suavemente, lentamente, como um enorme cetaceo adormecido.

Uma hora depois sumia-se nas brumas da noite a *Table Mountain*, e accendia-se ao longe, ao lume do mar, o pharol do Cabo. A terra vigilante e boa parecia assim proteger a nossa derrota para o norte.

E aquelle olhar seguiu-nos, seguiu-nos, até que pouco a pouco se amorteceu e extinguiu de todo.

Ficou então a vastidão grandiosa do mar, a magestade imponente do ceu, onde luzia ainda o *cruzeiro do sul*, e o sussurrar continuo das ondas, como um longo lamento surdo e triste.

*
* *

Á prôa, entre os passageiros de terceira, havia uma *coolie*, rapariga franzina, de olhos languidos, muito pretos e cabellos luzidios com reflexos fugitivos de seda negra.

Vinha do Cabo.

Morrera-lhe lá o marido, e ella voltava para Santa Helena, a sua patria, com as suas lagrimas e um filho.

Os marinheiros affeiçoaram-se áquella rapariga triste e meiga que passava longas horas no convez, olhando n'uma immobilibade de estatua, para alem da crista das ondas, em que ha muito se escondera a terra, em quanto o pequeno William rolava na escotilha grande abraçado ao velho Tom, o rafeiro de bordo.

De manhã, logo depois da baldeação, a *coolie* mettia o filho n'uma grande tina d'agua fria. E elle, agarrando com as mãos pequeninas as orelhas compridas do amigo, ria-se todo curvado estremecendo ao contacto da esponja.

D'ali por pouco, quando a mãe lhe vestia a camizita de linho, William escapava-se para correr até á primeira camara, seguido por Tom que ladrava e saltava de contente.

E, ao vel-o, os passageiros faziam alas e deixavam passar aquelle pequeno traquinas de dois annos — um turbilhão de luz, alegre como ella.

— *Here, William!*

Mas debalde o chamavam.

Era seu aquelle convez liso, sua aquella liberdade de correr em camiza por ali fóra até á escada da camara, onde havia umas senhoras que o beijavam e lhe davam bolos, que elle repartia com o rafeiro.

Disputavam-o os marinheiros, passeiavam-o, riam com elle, adormeciam-o, cantando-lhe canções suaves. E William, embalado por essas vozes rudes que se adoçavam para elle, deixava-se ficar quieto, tranquillo, confiado nos braços musculosos que o sustinham com a delicadeza das mães.

Era o anjo bom de bordo.

O marinheiro é geralmente supersticioso. Nas longas viagens, tendo por horisontes o mar e o ceu, affeiçoa-se com facilidade a uma estrella, ao canario, ao gato, a uma creança, a um nada. E á noite, se a estrella se esconde nas nuvens, a alma do marinheiro annuvia-se: o gato arredio traz-lhe pesadellos: o canario que emmudece fal-o scismar

William era a estrella do norte d'aquelle mundo fluctuante. A morte de William seria o prenuncio d'alguma grande catastrophe. E elles, na sua crendice supersticiosa, cercavam-o de cuidados, enchiam-o de mimos, adoravam-o.

*
* *

Eram oito horas da manhã. O sol erguera-se afogueado. O ceu azul, sem nuvens. Aragem ligeira de leste, e mar direito em ondulações vagarosas, como um lago infinito de azeite. Na ponte o official de quarto. Pela tolda lia-se, jogava-se, conversava-se em grupos. Deitavamos doze nós e o thermometro marcava 27° centigrados.

A vaga de travez fazia jogar suavemente o *Asiatic*.

A meio do navio, William sentado na escotilha, abraçava a cabeça enorme de Tom, e dizia-lhe ao pé das orelhas, grandes segredos interminaveis na sua vozinha, infantil, cortada de muitos — oahs! — cariciosos. E embalava-o assim de vagar, deixando balançar as pernas vermelhas e nuas.

De repente ouviu-se uma voz forte gritar do alto do cesto de gavea:

— *Land!*

A esta noticia de terra á vista todos os corações estremeceram. Fez-se um tumulto em todo o navio, e um instante depois havia mais de sessenta binoculos assestados ao horisonte.

O official de quarto perguntou da ponte para cima, fazendo das mãos porta-voz:

— Em que direcção vês terra?

— Pela amura de estibor...

Mas outra voz, abafou a resposta do marinheiro:

— Homem ao mar!

Correu tudo á amurada de bombordo. O *quarter-master*, em pé no gurupés, apontava para o mar, onde se revolvia um objecto esbranquiçado.

A alegria de — terra á vista! — succedeu o terror, a consternação que este grito horrivel de — homem ao mar! — desperta sempre em todos os corações.

Os passageiros atarantados corriam d'um lado a outro, difficultando as manobras.

Um inferno de gritos, de desmaios, de atrapalhação. Cabeças de mulheres pallidas inclinavam-se á borda do navio, com os olhos humidos de lagrimas cravados no mar que ondulava placido e como que indifferente áquella medonha tragedia.

Um marinheiro, saltando para a ponte, cortou rapidamente os cabos que prendiam dois salva-vidas e arrojou-os febrilmente ás ondas, emquanto o commandante fazia parar a machina, mandando dar toda a força para traz.

Mas o *Asiatic*, impellido pela velocidade adquirida, continuou a seguir para avante, sem obedecer ás rotações vertiginosas da helice que levantava montes de agua á ré.

Entretanto a tripulação arreiava os escaleres presos nos turcos; mas um dos escaleres alagou-se e o outro ficou suspenso a meio do costado, detido bruscamente: um cabo prendera-o na talha dos turcos.

Foi um instante de angustia e de dôr.

Ao grito de «homem ao mar!» tinha respondido um outro grito estridulo e agudo, e uma mulher caía pesadamente no tombadilho: era a *coolie*.

Wiliam, n'uma das oscillações do navio, rolára até á amurada, e, saindo por uma das portinholas mal fechadas, resvalára docemente para cima d'uma vaga, onde ficou fluctuando, em quanto o *Asiatic* se affastava para o norte, deixando-o pela pôpa.

O velho *Tom*, em pé na borda, uivava sinistramente ao mar que gemia com a sua impassibilidade de irritante: e n'aquelles uivos tristes havia como que lagrimas choradas pelo pequeno William, o seu generoso amigo das merendas e das correrias alegres, pelo convez, á luz benefica do sol.

Angustias de momentos têem por vezes a duração d'um seculo.

Um escaler que se arreiasse chegaria tarde. Era preciso esperar, e esperar que o navio, vencida a sua inercia, galgasse de novo a distancia percorrida.

Segundos depois o *Asiatic*, por momentos immovel, principiou a recuar lentamente para o ponto em que se despenhára a creança.

Um estremecimento de alegria percorreu a multidão agglomerada no castello da pôpa, e todos os olhares se cravavam ao longe n'um objecto que alternadamente surgia no alto das vagas e se afundava na cava do mar.

— Lá está elle! Lá está elle!

E subiam ás enxarxias, esperançados, quasi risonhos. Um grupo de senhoras rodeiava a *coolie* desmaiada: outras, de joelhos rezavam fervorosamente ao Deus da sua crença. Escarranchado na verga do joanete, o immediato, indicava o rumo a seguir, mas movendo a cabeça, desalentado, com uma tristeza de mau agoiro.

— Que é? que vê de ahi?

E elle, lá de cima, respondeu ao commandante, em inglez:

— O pequeno deve ter-se afundado. Vejo apenas fluctuar um trapo branco ao cimo de agua. E' talvez a camiza d'elle...

Vi lagrimas como punhos nos olhos d'um velho gageiro, um collosso crestado do sol.

Mas durou pouco o desanimo produzido por aquellas palavras do immediato.

Mais de trezentas bocas soltaram ao mesmo tempo um longo grito de alegria doida, que resvalou pela superficie deserta do oceano, subindo como uma oração curta e eloquente, para as camadas superiores da atmosphera, onde ficou vibrando por segundos.

E a esse brado unisono de jubilo respondeu um latido prolongado de *Tom*.

A menos d'uma amarra, pela ré, estacionava uma como que vela prenhe de vento: dir-se-ia um d'esses barquitos de cortiça que as creanças fazem singrar pela superficie dos lagos serenos, aos beijos leves da aragem.

Todos os braços se estenderam para aquella embarcação de nova especie que ondulava ao sabor da vaga: William, deitado de costas, parecia ter adormecido n'aquelle grande berço do mar, que o embalava suavemente com a sua melopeia eterna e triste.

N'um dos balanços do navio, uma onda, chegando á altura das obras mortas, diminuira a queda do William que saía pela portinhola de bombordo, e a briza de leste, enchendo lhe a camizita affogada, sustentara-o ao lume d'agua.

Sobre William enfunava-se uma vela providencial, a unica que poderia ver-se, sulcando o enorme deserto das ondas — salva-vidas posto pelo Acaso entre dois abysmos: o coração d'uma mulher e o seio mysterioso do mar gigante!

*
* *

Um delirio! risos, apertos de mão, rostos radiantes, felicitações, gargalhadas ainda humidas de lagrimas bôas, um contentamento geral, uma festa em todo o navio!

Uma senhora, em pé na escotilha grande, entoou com a sua voz de meio soprano uma d'aquellas canções sacras do seu paiz, tão cheias de doçura e de poesia. Ouvimol-a todos em silencio, descobertos. E quando ella concluiu, um marinheiro, agitando o chapeu, enthusiasmado, gritou commovido:

— *Hurrah for little Captain Boyton!!*

E a tripulação, tocada por tantas sensações, principiou, como um só homem, o hymno patriotico — *God save the Qeen!* — em quanto William, enrolado n'um cobertor de lã, nos braços da mãe, voltava para nós a sua carita vermelha e risonha, agarrando com as mãos pequeninas as orelhas do velho *Tom*, que talvez tivesse os olhos molhados...

Lorjó Tavares.

FONTES PEREIRA DE MELLO

III

Pouco depois de voltar á patria, teve Fontes um desgosto crudelissimo. Enviuvou, e perdeu logo em seguida uma filhinha que lhe nascêra. Tanto o impressionou este golpe, que esteve um anno quasi sem sair de casa, abandonando os estudos, a que de novo se entregára, porque fôra frequentar astronomia na Escola Polytechnica.

Annos depois rebentava a guerra conhecida pelo nome de Maria da Fonte, e o nosso biographado

entrava, como official de engenheiros, no estado-maior do marechal Saldanha, que tomára o commando das tropas do governo de Lisboa. Levaram-n'o a isso não só os seus deveres militares, mas tambem as relações politicas de seu pae, pertencente áquelle grupo moderado, que não transigia com a revolução, mas que tambem lamentava que o ministerio do conde de Thomar se deixasse arrastar, a pretexto de manter a ordem, a injustificadas violencias.

O duque de Saldanha era o homem em quem esse partido, ou, melhor diremos, esse grupo, punha um pouco as suas esperanças, e Saldanha tinha tambem pelo pae de Fontes a justa consideração devida a quem juntava á estima em que o tinham, como official de marinha, os seus camaradas, a fama que adquirira pela sua acertada administração em Cabo-Verde. Por isso Saldanha distinguiu logo entre os seus officiaes de estado-maior o filho de João Fontes. Não teve que se arrepender, e reconheceu em breve que o filho do ex-governador de Cabo-Verde era ao mesmo tempo um dos seus melhores officiaes.

Encarregando-o de fazer um reconhecimento a galope do terreno em que tencionava dar a batalha de Torres-Vedras, o marechal Saldanha testemunhou-lhe uma confiança que era uma homenagem ao seu merecimento. Essas incumbencias não se dão por empenhos, nem por amizade, nem por predilecção pessoal: dão-se a quem se sabe que d'ellas melhor se pode desempenhar. Da exactidão d'esse reconhecimento, da certeza d'esse esboço topographico, dependia o exito da batalha, e Saldanha, o general habilissimo, bem sabia que se não confia a organisação d'esses elementos a qualquer official. A sua reputação, a sorte do seu exercito, o seu futuro militar e politico estavam dependentes do acerto com que se houvesse o joven official. Se elle pozesse uma planicie onde estava na realidade um barranco, um denso arvoredo onde estivesse uma chapada perfeitamente descoberta, esses enganos podiam conduzir o marechal a ordenar falsos movimentos, de que se lhe originasse a derrota, e tanto mais quanto o campo de batalha de Torres-Vedras era um terreno accidentadissimo, que precisava de ser convenientemente estudado. E comtudo o marechal incumbiu esse trabalho a um official de vinte e sete annos, que se pode dizer que entrava pela primeira vez em fogo, porque mal se podia considerar como estreia a sua apparição, como aspirante de marinha, nos combates das linhas de Lisboa.

Do modo como Fontes Pereira de Mello se desempenhou d'esse encargo dá testemunho a cruz da Torre e Espada, que lhe foi posta ao peito, e que elle apreciava mais do que a Annunciada e o Tosão de Ouro, o decreto honrosissimo que lh'a conferiu, e mais ainda o que do seu papel n'essa batalha disse poucos annos depois o proprio marechal Saldanha. Disse elle que o tenente Fontes Pereira de Mello sempre se portára de modo a merecer o maior elogio, e *que o feliz resultado da acção de Torres-Vedras lhe fôra devida em parte, porque elle (marechal) se aproveitára de um reconhecimento feito por aquelle official.*

Pouco depois da batalha de Torres-Vedras, a 22 de agosto de 1847, entrava o pae de Fontes no ministerio. Recebera a pasta do reino Antonio de Azevedo Mello e Carvalho, a da justiça Silva Ferrão, a dos estrangeiros o barão da Luz, a da guerra o barão de Almofalla, a da fazenda Franzini, e a da marinha Fontes. Este ministerio durou apenas o tempo bastante para preparar a entrada no poder a 11 de dezembro do mesmo anno do duque de Saldanha. Presidiu ás eleições, e nunca as houve mais liberaes. Foi uma das raras vezes em que o governo não interveio no acto eleitoral, e por isso os politicos, admirando a ingenuidrde d'estes ministros, que tomavam a serio o suffragio popular, pozeram ao gabinete que elles constituiram a alcunha, que ficou, de *ministerio primavera.*

O pae de Fontes, orgulhoso do talento de seu filho, quiz-lhe abrir as portas do parlamento. Nada mais facil para o filho de um ministro, não é verdade? Não eram essas porem as doutrinas de João de Fontes Pereira de Mello. Em vez de escolher um burgo-podre, aconselhou a seu filho que se propozesse por Cabo-Verde, onde tinha tão importantes elementos pela lembrança da administração de seu pae, pelo prestigio pessoal que elle proprio conservava, e mais ainda pela influencia poderosissima da familia a que se ligára pelo seu casamento, que ainda hoje em Cabo-Verde essa influencia se conserva. Todos sabem que o sr. João de Sousa Machado, cunhado de Fontes, é ha largos annos deputado por Cabo-Verde, e vem sempre eleito, quer sustente quer não sustente o ministerio que está no poder.

Foram pois os eleitores de Cabo-Verde que abriram a Fontes Pereira de Mello a porta do parlamento, e por tal forma queria o destino que Fontes conquistasse as posições, que occupou, palmo a palmo pelo seu talento e pela sua energia, que esse mesmo logar teve de o defender com a sua palavra vibrante e fogosa, n'uma estreia parlamentar que foi brilhantissima.

Pinheiro Chagas.

(Continúa)

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XXVI

Determinação do periodo de variação das zonas do planeta Jupiter — Dois cometas — Acção do calor e da luz do Sol — O valor alimentar do leite e dos extractos de carne, observados no coração de uma rã — O sentido do olfato nas damas — A «Drumina» — As folhas da «coca» e a «cocaina» — O canhão Zalinski — A calvice e a queda dos dentes — O que se pode extrahir de uma tonelada de hulha.

Jupiter é um globo de collossaes proporções e que descreve a sua orbita enorme a cêrca de 92 milhões de leguas do sol. Comparado com a terra é maior em volume 1414 vezes. Pois não obstante esta desproporção e realisar em 11:315 dias e 12 horas o seu movimento de revolução em volta do sol, o seu movimento diurno é apenas de 10 horas e 16 minutos, o que lhe dá um dia real de 5 horas. Note-se todavia que os habitantes de Jupiter, admittida esta hypothese, pois é absurdo julgar que este, como tantos outros mundos, sejam deshabitados, devem contar apenas 8 annos em quanto na terra foram decorridos 100 annos. Observado pelo telescopio, o planeta apresenta-se envolvido n'um manto de gazes, em que fluctuam espessas nuvens, que não permittem facilmente explorar a configuração da sua superficie. Pretendem alguns observadores que grandes movimentos meteoricos se operam ou sobre o proprio globo ou no seio da atmosphera sulcada de nuvens brancas de ambos os lados do equador, e isto não sómente nas regiões maritimas, mas nos continentes. A luz solar, apesar das quatro luas ou satellites que illuminam o planeta e que a reflectem, deve ser alli 22 vezes mais fraca do que na terra. Todavia é distribuida de um modo mais uniforme, constante e invariavel, em consequencia da pequenissima inclinação do eixo de rotação sobre o plano da orbita. Não deve, pois, haver alli alternativas de temperatura nem vicissitudes das estações.

Essas nuvens brancas de que fallamos formam umas cintas ou zonas. Foi pois considerando essas cintas que o sr. Lamey descobriu que havia uma certa ordem systematica na sua transformação e que era possivel determinar-lhe exactamente o periodo da variação. Este facto concorda com a opinião geralmente admittida de que Jupiter se acha n'um estado de ignição identico ao sol.

— No dia 22 de janeiro foi descoberto em Philips, nos Estados Unidos da America do Norte, pelo sr. Brooks, um cometa com a apparencia de nebulosidade redonda, de um minuto e meio de diametro, com um nucleo pequeno e muito brilhante, quasi estellar e algum tanto excentrico em relação á nebulosidade. No dia 27 tinha o brilho de uma estrella de 12.ª grandeza. N'esse mesmo mez Barnard, em Nashville, tambem descobria um outro cometa semelhante a uma nebulosidade de 2.ª classe, de 1 a 1 e meio minuto de diametro e com nucleo diffuso de 4 a 5 segundos de diametro.

— O sr. Duclause, estudando em memoria apresentada á Academia das Sciencias de Paris as acções comparadas do calor e da luz solar, conclue principalmente que:

1.º Todas as acções de combustão produzidas pelo calor podem ser tambem produzidas pela luz; mas o inverso não succede, e ha um grande numero de reacções que sómente a luz pode determinar.

2.º Todas estas reacções se resumem na deslocação da mollecula primitiva, que se decompõe em elementos mais simples.

3.º Esses elementos são em pequeno numero. Como corpos volateis, podem citar-se os acidos formico, acetico e butyrico, os alcools methylico e ethylico e a aldehyde ethylica.

4.º Os productos da deslocação conteem um menor numero de moleculas de hydrogenio e de carboneo que o corpo d'onde provem. Ha comtudo duas excepções a esta regra.

— A *Therapeutic Gazette* publica umas curiosas experiencias feitas pelo medico americano o dr. Mays sobre o valor alimentar de diversas substancias, e especialmente dos extractos de carne. Serve se para isto de um coração de rã, isolado do resto do corpo, esvasiado do sangue e lavado com uma solução salina de 6 p. c. N'estas condições o coração continua a palpitar por algum tempo, até que pára, o sr. Mays enche o de varias dissoluções e observa o numero de contracções. O sangue secco na proporção de 2 p. c. de agua serviu-lhe de typo. As preparações do extracto teem apenas o valor de 60 p. c. do sangue secco e só o leite equivale a este, porque obra com a mesma intensidade. Um facto notavel é que a alimentação pode-se produzir sem digestão estomacal e intestinal, mas pela introducção subcutanea, isto é, introduzida na pelle.

— As experiencias de Nichols e Bailey, realisadas nos Estados Unidos, provam que o sentido do olfato é muito mais desenvolvido nos homens que nas mulheres, na proporção de 1 : 2.

Eis pois a razão porque as damas se perfumam tanto. Fiquem pois sabendo que os narizes masculinos sentem no dobro o effeito das suas aguas de cheiro, esssencias e outras perfumarias.

— A *Drumina* é um novo anasthesico rival da *cocaina*, descoberta pelo dr. Reid na *Euphorbia Drummondii*, planta da Australia, que mata o gado quando este a encontra misturada na forragem. Os animaes morrem no espaço de 24 horas a 7 dias, com paralysia nas extremidades e coloração amarella nos olhos. Collocando algumas gotas nos olhos de um animal, estes ficam insensiveis ao contacto dos dedos, sem dilatação da pupilla. A injecção hypodermica produz anesthesia local. Tem sido empregado com excellente resultado contra a dôr sciatica.

— As folhas do *Erythroxylon Coca* exercem no organismo uma influencia que pode explicar até certo ponto o extraordinario jejum de Succi. Ainda hoje os indios da America se servem d'elle, comquanto o seu emprego seja muito antigo. Os Peruvianos tinham as folhas de *coca* como coisa sagrada, que sómente os Incas podiam empregar, e que elles queimavam em honra das divindades.

A virtude d'estas folhas consiste em abolir a fome e a sede e permittir qualquer trabalho sem fadiga. Os guias munem-se das folhas de coca para as viagens longiquas, onde nem sempre esperam encontrar agua e alimentos. Estas são amassadas em pequenas pastilhas e depois seccas. Mastigam-se como o tabaco de rôlo, engulindo a saliva e o summo unicamente. A fome não se sente durante muito tempo, mas, passado o effeito da coca, o appetite volta com toda a intensidade. A coca exerce acção favoravel contra a dyspepsia. Como o chá, o café, o tabaco, e outras substancias, a coca, tomada em excesso, produz effeitos desagradaveis. Ha fadiga de espirito, emmagrecimento, e andar incerto. É d'esta planta que se extrae a *cocaina*, o poderoso anasthesico que em 1855 foi pela primeira vez isolado por Gaedrekoe, tendo sido antes indicado por Wackenroder e Johnson.

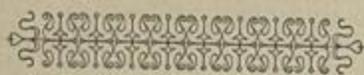
— O canhão Zalinski tem 18 metros de comprimento e 0m,20 de diametro interior; é de ferro, com camisa de bronze. Não é só destinado a substituir a polvora pelo ar comprimido, mas a lançar a grandes distancias projecteis de um poder de explosão formidavel. O ar comprimido é-lhe fornecido por uma machina de pressão movida pelo vapor, com reservatorio de 4 metros cubicos. A pressão é de 70 kilogrammas por centimetro quaquadrado. Disparando com esta pressão pode atirar-se sob um angulo de 35º a 3:600 metros com obus contendo 27 kilogrammas de materia inflammavel.

Com este canhão, inventado pelo tenente Zalinski, do exercito dos Estados-Unidos, pode projectar-se a grande distancia, e com extrema precisão e segurança, as materias mais explosivas. Por este meio poder-se-hia destruir uma passagem de torpedos submarinos, lançando a distancia um obus que explosiria ao tocar no fundo, fazendo por conseguinte que todos os torpedos explosissem tambem.

— Os srs. Eaton e Hammond julgam que a calvice e a queda dos dentes são o resultado de uma civilisação mais desenvolvida, e que, ao mesmo tempo que a humanidade se aperfeiçoar, irá despojando-se dos cabellos e dos dentes, attributos da animalidade. Os dois auctores americanos attribuem a causa d'este aperfeiçoamento ao uso de trazer a cabeça coberta e comer os alimentos quentes e cosidos.

— Eis o que se pode extrahir de uma tonnelada de hulha ou carvão de pedra. Submettido á dis-

tillição sêcca, esse carvão dá muitas centenas de metros cubicos de gaz, 681 kilogrammas de coke, 90 litros de agua ammoniacal e 63 kilogrammas de alcatrão de hulha. Este producto, submettido a distillação fraccionaria, deve fornecer 32 kilogrammas de breu, 8 kilogrammas de creosote, 6 kilogrammas de oleos, 4 kilogrammas de naphta amarella, 3 kilogrammas de naphtalina, 2 kilogrammas de naphtal, 1 kilogramma de alizarina, 1 kilogramma de naphta soluvel, okg,700 de phenol, okg,500 de autrina, okg,500 de anilina, okg,350 de toluidina, okg,210 de anthracina, e okg,400 de toluena. É d'este ultimo producto que se extrae a *benzolsulphuricamide* ou *saccharina da hulha*, a qual, como já dissemos n'um outro artigo, é 230 vezes mais dôce que o assucar de canna.

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

Exposição no vaticano. Para celebrar o jubileu sacerdotal do papa Leão XIII, projecta-se no vaticano uma exposição de objectos de arte de todos os paizes catholicos. Algumas damas bracarenses organisaram uma commissão para reunir objectos de valor artistico ou estimativo e envial-os a esta exposição.

Incendio em dois theatros. Em a noite de 12 de fevereiro findo, ardeu em Inglaterra o magnifico theatro Opera de Northampton, e no dia 16 do mesmo mez foi tambem devorado pelo fogo o theatro Leibach, na Allemanha. N'estes dois grandes incendios não ha felizmente, victimas a lamentar.

As eleições na Allemanha. Segundo os ultimos telegrammas, as eleições na Allemanha são favoraveis ao semptenato e portanto a politica de Bismarck. Entretanto, os resultados eleitoraes na Alsacia e na Lorena são bastante significativos para que não deixem de inquietar o governo allemão. Veremos os resultados.

Tremores de terra. Sentiram-se tremores de terra em Italia e em França. Na Italia as povoações que mais soffreram foram: Bajardo, Rianomarina, Bussanot e Castellar. Estas povoações são todas situadas na Liguria. Em França sentiram-se com mais violencia, em Nice, Marselha e Toulon.

O Othello de Verdi. — O maior acontecimento artistico n'este momento é a representação da nova opera de Verdi *Ottello* no *Scala* de Milão. O triumpho foi completo para o insigne maestro que na avançada idade de setenta e tres annos tem todos os enthusiasmos e todo o amor da arte que anima os talentos mais jovens. A grande opera em que trabalhava ha bastante tempo faria a reputação de Verdi se ella não estivesse já feita ha mais de um quarto de seculo. Verdi dirigiu os ensaios da sua nova obra e tem assistido ás representações, sem que a fadiga lhe tenha quebrado o enthusiasmo. Na noite do ensaio geral, Verdi ao apear-se da carruagem que o conduzia ao theatro, foi alvo das mais ruidosas manifestações de applauso e conduzido triumphantemente até ao logar da orchestra. Na primeira noite de representação do *Ottello*, Verdi estava no palco, e agitava as laminas de me-tal com que se imita o fragor do vento, na scena da tempestade que se segue ao preludio. No terceiro acto marcou o compasso dos coros e tomou parte em alguns, e no meio dos applausos que enchiam a sala conservava a maior serenidade, applaudindo por sua parte os artistas que desempenhavam a opera. Durante o espectaculo recebeu um telegramma dos reis de Italia que lhe desejavam o melhor exito á nova opera. Quando recolheu ao hotel em que estava hospedado, Verdi recebeu uma carta do director do theatro com nota de urgente, mas que não abriu. A carta dizia o seguinte: «Caro maestro: Como lhe prognosticára, as entradas passaram das sessenta mil lyras. Ha 7:000 a mais d'essa somma.

O Sultão de Zanzibar

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Da Educação Moral, Intellectual e Phisica por Herbert Spencer, Nova Livraria Internacional, editora, Lisboa, 1887. Esta obra tão util e necessaria para a educação da infancia, o methodo mais seguro que os professores tem a seguir para bem encaminharem os seus discipulos, e não só os professores, mas todos que labutam na grande obra da educação da infancia, acaba de ser publicada em uma edição economica, que muito deve concorrer para a sua generalisação, muito especialmente entre os professores de instrucção primaria que facilmente a poderão adquirir. Folgamos de podermos annunciar um livro tão util para a educação quanto economico.

Dahomé *collecção d'uma serie d'artigos publicados no Commercio de Portugal* por A. D. Cortez da Silva Curado, major do exercito e governador do districto de Ajudá. Lisboa, Tipographia do *Commercio de Portugal*, 1887. Um folheto de 50 paginas dedicado pelo autor ao sr. conselheiro Henrique de Macedo, ministo da marinha e ultramar. Nas cincoenta paginas de que este folheto se compõem encontram-se noticias muito curiosas e interessantes sobre o Dahomé e das suas relações com Portugal e outras nações da Europa.

Conferencia de Augusto Cardoso *lida em sessão solemne da Sociedade de Geographia, no theatro de S. Carlos, a 11 de dezembro de 1886.* Um folheto de 32 paginas nitidamente impresso, editado pelo sr. Alberto de Oliveira. A viagem de exploração ao Nhassa emprehendida por Serpa Pinto e Augusto Cardoso é contada n'esta conferencia com muita clareza e concisão, como convem a assumptos d'esta ordem, o que já tivemos occasião de dizer em uma noticia do Occidente com respeito á sessão solemne da Sociedade de Geographia em que Augusto Cardoso leu esta conferencia. O assumpto não póde ser mais interessante e que mais convenha vulgarisar, para que o trabalho dos nossos exploradores não fique ignorado, e desaproveitados tantos sacrificios por elles praticados em beneficio da patria, da humanidade e da sciencia.

Historia da Revolução Portugueza de 1820 por José d'Arriaga, Livraria Portuense de Lopes C.ª, editores, Porto. Tem-se publicado regularmente esta obra de que apenas recebemos o fasciculo n.º 3 e agora os n.ºs 8 e 9 o que nos não permitte seguir a sua leitura e dizer d'ella alguma cousa que nos parecer justa. Com respeito á edição é esta nitidamente impressa e em bom papel, illustrada com bons retratos dos principaes personagens que figuraram n'aquella epoca ou que com ella tem relação.

Jornal de Pharmacia e Chimica *publicação mensal.* Redacção C. von Bonhorst, J. Holtreman do Rego Botelho, chimicos, J. de J. Pires, Francisco J. Costa, e F. J. Roza, pharmaceuticos. Diz a redacção d'este periodico no seu artigo de apresentação, que a pharmacia se acha em grande decadencia no nosso paiz, o que nos parece verdade. Crêmos que esta nova publicação será portanto, bem recebida por aquelles a quem mais interessa e que mais devem cooperar para o derramamento da sciencia.

Estatutos do Centro Militar do Exercito e da Armada, approvados por decreto de 23 de Dezembro de 1886. É a lei pela qual se ha de reger esta nova sociedade que se fundou ha pouco em Lisboa á similhança das que de ha muito existem nas principaes capitaes da Europa.

ERRATA

No final do artigo *O sexto salão*, publicado no nosso antecedente n.º, onde se lê:

«...é, misturado n'nma sociedade desprenida d'artistas authenticos, como era torpe verruga...» — deve lêr se:

...é, misturado n'uma sociedade *desprevinida* d'artistas authenticos, como *uma* torpe verruga... — etc.

Typ. Elzeviriana.—Rua do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.